

MERCADO DE TRABALHO E ESCOLARIZAÇÃO: A EXPERIÊNCIA DE ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

LABOR MARKET AND SCHOOLING: EXPERIENCE OF THE ADOLESCENTS IN VULNERABILITY CONTEXT

Grasiela Santana Costa ¹

Ramiro Rodrigues Coni Santana ²

RESUMO: O ciclo de vida humano é permeado por mudanças. Na adolescência tais mudanças tendem a ser intensificadas, pois esta fase se apresenta como um período de múltiplas transformações biopsicossociais. Assim, o presente estudo buscou compreender de que forma o adolescente em situação de vulnerabilidade produz sentidos sobre a sua relação de inserção e permanência no mercado de trabalho. A pesquisa utilizou delineamento qualitativo, de caráter exploratório e idiográfico. Os participantes foram quatro adolescentes do sexo masculino, residentes na cidade de Salvador, Bahia. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista semiestruturada, o questionário sociodemográfico e o instrumento de frases para completar. Os resultados mostraram uma relação conflitante entre a escolha dos adolescentes por priorizar as demandas da escola ou do trabalho. Assim, é necessário que intervenções sejam realizadas, possibilitando direito ao conhecimento sobre o mercado de trabalho e a construção de um projeto de vida justo e saudável.

Palavras-chave: adolescente; vulnerabilidade; mercado de trabalho; escola.

ABSTRACT: The adolescents experience typical changes in their development, as the psychosocial changes. Therefore, this study searched to comprehend how adolescents in vulnerable situations make meanings about their relationships with the labor market. The method adopted was the qualitative, idiographic and exploratory approach. The participants were four male adolescents, living in Salvador, Bahia. To collect data we utilized semi-structured interviews, sociodemographic questionnaires, and sentences to complete. The result of this relation between school and work indicates that the insertion of adolescents in the labor market can cause losses to their school development. Therefore, there is a necessity to make political interventions on this problem. It is also necessary to allow adolescents the right to a broad knowledge of the labor market and the construction of a fair and healthy life project.

Keywords: adolescent; vulnerability; labor market; school.

¹ Contato principal para correspondência editorial. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-0705-1404> - E-mail: grasielascosta@gmail.com

² ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3306-6359> - E-mail: ramiroconisantana@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase marcada por diversas mudanças próprias do desenvolvimento humano. Dentre elas estão as mudanças de caráter biológico, psicológico e social, “seria uma fase de reestruturação do “núcleo do eu”, quando as estruturas psíquicas/corporais, familiares e comunitárias sofrem mudanças conflitantes” (Bock, 2007, p. 65).

Para Alves e Silva (2008), a adolescência é caracterizada como um conturbado período de transição, com mudanças que interferem nas decisões do sujeito, e é neste período que o processo de escolha profissional emerge. A busca por inserção no mercado de trabalho pode ser um momento de grandes desafios, pois a opção por uma carreira apresenta-se como um processo em que as variáveis implicadas são múltiplas e complexas (Alves & Silva, 2008).

O trabalho é uma atividade de transformação na qual o indivíduo transforma e é transformado, fazendo parte do seu crescimento enquanto humano. No entanto, vale ressaltar que, com as mudanças apresentadas na sociedade contemporânea, o trabalho não está apenas vinculado à atuação direta com a natureza, mas também, ao trabalho abstrato, aquele em que o indivíduo é valorizado pela sua capacidade de exercer funções.

Temas relacionados ao mercado de trabalho têm sido de grande interesse para jovens e adolescentes, pois este é visto como dignidade, fazendo parte de um processo de conhecimento, crescimento, independência, realização e valores (Coelho, Albuquerque, Martins, D’ Albuquerque & Neves, 2008). Portanto, a busca do adolescente por inserção no mercado é um processo diferente comparado aos adultos, estando permeado por múltiplas questões, como a falta de qualificação adequada e, principalmente, a falta de experiências prévias no mercado (Santos, Campos, Almeida & Paiva, 2013). A inserção do adolescente no mercado de trabalho, no geral, dá-se no mercado informal, uma vez que o trabalho é proibido no Brasil para menores de 18 anos, exceto na condição de aprendiz, a partir dos 14 anos. Pelas privações impostas pela pobreza, muitos adolescentes acabam buscando no mercado informal uma forma de obtenção de renda, para auxílio próprio e dos seus familiares (Santana, 2017). Ressaltamos que neste trabalho nossa análise se dá na inserção de adolescentes no mercado informal de trabalho.

Para os adolescentes de camadas populares, essas questões podem se apresentar ainda em maior número, por já vivenciarem um contexto de vulnerabilidade, a qual está além das questões financeiras, está vinculada também às fragilidades de vínculos afetivo-relacionais e o desigual acesso a bens e serviços públicos (Carmo & Guizard, 2018). Mostram os dados da síntese de indicadores de 2013 (IBGE, 2015), que entre os adolescentes de 15 a 17 anos, a taxa de escolarização era de 84,3% e, dos 18 aos 24 anos, 30,0% cursando ensino superior.

Assim, é necessário o conhecimento além dos fatores que cercam os adolescentes, pois, por trás das ações e decisões de um sujeito, existem as experiências, histórias, sentimentos e pensamentos envolvidos, que os impulsionam, refletindo na vida educacional e, posteriormente, em decisões relacionadas ao mercado de trabalho. Com os inúmeros fatores e mudanças já presentes na fase da adolescência, a busca por inserção no mercado pode se apresentar como um momento de incertezas, medos e inseguranças, ou seja, um período de maior vulnerabilidade. Diante disso, questiona-se: como o adolescente de camada popular enfrenta os desafios frente ao mercado de trabalho? Assim, a pesquisa teve como objetivo geral compreender de que maneira o adolescente em situação de vulnerabilidade se percebe, pensa e age diante da sua relação com o mercado de trabalho.

MÉTODO

A presente pesquisa utilizou do delineamento qualitativo e caráter exploratório e idiográfico, com a utilização de estudo de casos múltiplos como desenho de pesquisa, pois buscou compreender um fenômeno a partir das experiências subjetivas de um grupo específico, neste caso, o adolescente em situação de vulnerabilidade e sua relação com o mercado de trabalho. Conforme Yin (2001) o estudo de caso contribui para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos. Além de tornar possível o acesso ao conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante outros tipos de delineamentos não qualitativos (Gil, 2008).

Foi utilizado o questionário sociodemográfico com o intuito do conhecimento minucioso de algumas características dos adolescentes entrevistados. Para sua realização, a pesquisadora explicou como se dava o preenchimento dos dados e disponibilizou um espaço para que qualquer dúvida fosse sanada durante a atividade.

Em sequência foi aplicada a atividade de Orientação Profissional, que serviu especialmente como complemento dos dados obtidos na entrevista, com maior foco na temática de trajetória escolar e perspectivas profissionais. O instrumento de frases para completar é um instrumento de auto aplicação, o que permitiu ao adolescente a liberdade para complementação de frases propostas segundo o sentido que ele construía sobre os temas do instrumento. As frases do instrumento versavam sobre os seguintes temas: escolarização, família, perspectivas futuras e inserção laboral.

Utilizou-se ainda a entrevista semiestruturada, de forma narrativa, na qual dez questões foram disparadas verbalmente, discutidas e gravadas com a autorização dos participantes. Os temas discutidos na entrevista buscaram compreender a percepção do adolescente em situação de vulnerabilidade em relação à escola, a significação atribuída à entrada no mercado de trabalho e as perspectivas de futuro apresentadas por estes a partir de sua inserção laboral.

Participantes

Para realização deste estudo, foram participantes desta pesquisa quatro adolescentes do sexo masculino, residentes da cidade de Salvador, Bahia. Para isso, foram adotados alguns critérios de inclusão, descritos a seguir: adolescentes em situação de vulnerabilidade, com faixa etária de 16 a 18 anos e experiência no mercado de trabalho, com tempo mínimo de seis meses de trabalho. A escolha foi realizada com base em suas vivências, considerando que os critérios apresentados contribuíram para a compreensão do fenômeno estudado.

Procedimentos de coletas de dados e análise dos dados

O contato inicial com os participantes se deu através de abordagem direta em uma escola pública do município de Salvador, Bahia, através de diálogo informal, no qual a pesquisadora realizou o convite, apresentando o principal objetivo da pesquisa e o quanto a participação do adolescente era importante para construção da mesma. Visto que “é de fundamental importância que desde o primeiro momento se crie uma atmosfera de cordialidade e simpatia. O entrevistado deve sentir-se absolutamente livre de qualquer coerção, intimidação ou pressão” (Gil, 2008, p. 116-117).

A entrevista foi realizada na própria escola após acordo entre os participantes, onde os dados foram colhidos de forma grupal em um único dia marcado antecipadamente. Os instrumentos foram escolhidos visando maiores contribuições do ponto de vista subjetivo do

adolescente. Dentre estes estão o questionário sociodemográfico, frases para completar e a entrevista semiestruturada.

Segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Portanto, para este estudo, a primeira técnica utilizada foi a transcrição do áudio e, para isso, a primeira escuta foi realizada de forma pausada e atenta para sua verificação após escrita. Embora a primeira técnica a ser realizada tenha sido a transcrição, os dados passaram por uma análise prévia, na medida em que foram categorizados.

Em seguida, as informações foram divididas em categorias. Entre os diversos tipos de categorização apresentados por Bardin (1997), aqui foi usado o critério semântico, conhecido também como categorias temáticas, nas quais se agrupam as informações que estão sob o mesmo conteúdo. Analisamos também a junção de todo conteúdo adquirido, confrontando-os com os dados da literatura sobre cada tema estudado, focando na compreensão dos pontos centrais desta pesquisa.

O projeto deste estudo foi submetido no sistema da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), através da Plataforma Brasil. Tendo a pesquisa iniciada somente após sua aprovação, obedecendo às diretrizes e normas das Resoluções nº s 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), a qual buscou garantir direito ao anonimato, a liberdade de escolha do participante para sua participação ou retirada de consentimento, sem ônus para si ou terceiros. Foram adotados os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que os responsáveis pudessem conhecer a proposta do estudo, conseguinte, aprovar ou não a participação do adolescente. E o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), que buscou apresentar ao participante em linguagem clara as demandas da pesquisa, a importância da sua contribuição e seus direitos quanto participante. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética avaliador, sendo gerado um protocolo de aprovação sob o número 19515619.8.0000.5686.

RESULTADOS

Os dados colhidos foram divididos em três categorias principais, buscando atender aos seguintes objetivos: 1) Identificar a percepção do adolescente em situação de vulnerabilidade em relação à escola; 2) Analisar a significação e demais experiências atribuídas à entrada no mercado de trabalho; e 3) Descrever quais são as perspectivas de futuro apresentadas por

estes. Os dados sociodemográficos dos participantes estão descritos a seguir. João, sexo masculino, 17 anos, autodeclarado preto. Aluno do sétimo/oitavo ano noturno, ingressou na escola aos sete anos, já foi reprovado mais de uma vez e sempre estudou em escola pública. Reside com os pais em casa própria na cidade de Salvador, Bahia. Começou a trabalhar com condimentos aos 15 anos e no momento da entrevista continuava trabalhando com os mesmos produtos. Classificou a situação econômica sua e da família como média. Marcelo, sexo masculino, 18 anos, autodeclarado pardo. Aluno do sétimo/oitavo ano noturno, ingressou na escola aos 12, já foi reprovado uma vez e sempre estudou em escola pública. Reside com a mãe em casa alugada na cidade de Salvador, Bahia. Começou a trabalhar em uma oficina e na feira com o irmão aos 15 anos, no momento da entrevista estava trabalhando como baleiro. Classificou a situação econômica sua e da família como boa.

Victor, 17 anos, sexo masculino, autodeclarado pardo. Aluno do sétimo/oitavo ano noturno, ingressou na escola aos três anos, já foi reprovado mais de uma vez, já estudou em escola privada na infância. Reside com os pais em casa própria na cidade de Salvador, Bahia. Começou a trabalhar aos 15 anos com gesso, e no momento da entrevista continuava no mesmo trabalho. Classificou sua situação econômica como má e da família como média. Tiago, 18 anos, sexo masculino, autodeclarado preto. Aluno do sétimo/oitavo ano noturno, já foi reprovado uma vez e sempre estudou em escola pública. Reside em casa alugada na cidade de Salvador, Bahia. Começou a trabalhar aos 16 anos fazendo pão e no momento da entrevista trabalhava como empacotador em um mercadinho do seu próprio bairro. Classificou sua situação econômica como média e a da família como boa. Tiago não preencheu os dados de idade de ingresso na escola e não especificou as pessoas com quem reside.

Percepção do adolescente em relação à escola

Em resposta à pergunta “O que a escola representa pra você?”, houve com frequência frases como a de Tiago, “*o futuro é mais, como é que chama?*”, Marcelo completou, “*pra garantir seu futuro.*” É como se a escola fizesse parte de um processo de desenvolvimento na vida do sujeito, assim como contribui para sua entrada no mercado de trabalho. Relatou Victor sobre a escola “*acredito que é um local onde a gente aprende, né? há, várias coisas, né? pá caso estudar, pra trabalhar no futuro*” e João “*pra completar os estudos, pra no futuro, tipo, ter um mercado de trabalho bom, e tudo*”.

O participante João trabalhava com condimentos com o primo, mas mesmo assim, considerou que a escola influenciou a sua entrada no mercado de trabalho, “*pra mim*

contribuiu muito, porque pela série que eu tô, não é uma série digna da minha idade, né?! Mas é o que me ajudou a entrar no mercado de trabalho”. Às vezes a escola e os próprios alunos acreditam que o “fracasso escolar” ou “fracasso profissional” estão totalmente ligados à falta de interesse dos alunos, como descreveu Marcelo, “se o colégio, se não tivesse um mal jeito, assim, dos alunos, entendeu? A maioria não quer aprender, a aprendizagem, num quer aprender a ler, a metade dos alunos não quer saber nem de estudar dentro das salas [...]”.

Significações e experiências atribuídas à entrada no mercado de trabalho

Victor respondeu à pergunta, “O que te levou a buscar a inserção no mercado de trabalho?”, “*véi, a partir do dia que meu pai faleceu, né. Aí tudo complicou mais, aí tipo, comecei a trabalhar*”, e menciona João, “*quem me incentivou mais foi minha mãe, né. Porque, na verdade eu trabalho com parente, meu primo, ele que é meu patrão, e através dele que eu ganhei mais incentivo de trabalhar*”, assim como Tiago, “*porque, como é que chama, é porque é bom, né, trabalhar, por causa que paga as contas de casa, ajudar minha mãe, né?! Fazer muitas coisas véi, ajuda, né?! Muitas coisas*”. Responde Victor quando perguntado se a escola contribuiu para sua entrada no mercado:

Pra mim, ‘perinquanto’, pra mim, ela não contribuiu em nada, porque eu trabalho graças ao meu irmão, e um amigo meu também, de vez em quando eu vou lá. Pra mim, ainda não contribuiu em nada, né?! Mais, em breve eu quero, quando acabar aqui, fazer uns cursos pá ficar mais...

No instrumento de frases para completar, Victor escreveu, “Sempre gostei de: *trabalhar*”, “Às vezes, acho melhor: *trabalhar*” e “Prefiro: *trabalhar* do que: *estudar*”. Os cursos mencionados no momento da conversação, segundo o participante, serão para se tornar pintor de automóvel, seu sonho de infância. Caso contrário, pretende continuar no mesmo trabalho como gesseiro. Marcelo também explicou:

Eu sempre fui trabalhador, eu comecei a trabalhar desde meus quinze anos, dezesseis ano, mas eu trabalhava mesmo, assim, meu local de trabalho era na feira, mas meu irmão, entendeu?! Eu acordava oito horas mais ele, que a gente descia pá ir pro local de trabalho, então, eu acho, pá gente, entendeu?! Pá gente querer chegar e alcançar nosso objetivo, a gente tem que alcançar a nossa meta.

Marcelo teve experiências em trabalhos diversos, como em oficinas e em feiras. Mas no momento da entrevista trabalhava com seu próprio negócio como baleiro e menciona com que a escola pode contribuir para seu futuro:

Salário digno [no futuro]. Meu sonho era ser; é, mecânico, mais, 'pero' que eu tô vendo o jeito aí, as coisas não dá certo, mais tem que terminar o ano, aí se tudo der certo eu pego meu currículo, entrego na empresa, boto na empresa, aí depois, se caso eles me aceitarem, vai dar tudo certo.

Victor inicia seu discurso sobre sua inserção laboral que, segundo ele foi tranquila, “*eu nunca tive entrevista de emprego, como eu te falei, eu trabalho com meu irmão, né. Pá mim foi de boa, né?! A partir do momento que eu fui pra de noite, ele começou a me levar, e tranquilo*”. Já João trabalhava com o primo, mas relata já ter passado por experiências com entrevistas anteriormente e menciona sobre sua busca: *pra mim foi uma experiência a mais, sempre, porque sempre tem o primeiro mês de teste, aí, no primeiro mês foi melhorando, melhorando e eu continuei.*

Ao ser perguntado *como você encarou o primeiro dia de trabalho. João falou: pra mim foi normal, porque eu ganhei uma entrevista na segunda vez que eu comecei a trabalhar, na segunda experiência de trabalho, porque eu já tinha trabalhado uma vez com a mesma coisa.*

Tiago discorreu sobre sua experiência de início de trabalho em um mercadinho no próprio bairro em que reside: *primeiro dia ele perguntou porque eu queria trabaíá, tá precisando? Perguntou se eu tinha função, perguntou várias coisas, né. Perguntou várias coisas, perguntou, véi!. Ao ser questionado como você se sentiu, neste momento, Tiago revelou: eu me senti nervoso, né. Foi a primeira vez, aí me perguntou, aí, eu passei, ele mandou eu ir lá outro dia. Eu fui e consegui. Sobre isso, João completou: muito nervosismo, com medo de errar, e acabar não conseguindo, né? mas... deu certo e tudo. Para Tiago a fala e o uso das palavras são importantes: *é falar assim, calmo, não falar com gíria, porque se falar com gíria, alguma coisa assim, ele já tira você... Tem que falar com calma, com educação, tem que se vestir bem pá ir, porque senão, é isso aí.* Marcelo também relatou sua experiência:*

Eu me senti meio rebaixado, porque no dia que eu cheguei no local de entrevista de trabáio, o rapaz falou assim pá mim, você tem interesse de aprender mesmo?! se você tem interesse de aprender, vem aqui, grave essa chave aqui, é... doze allen, doze misto, é chave de boca e num sei o que, mais chave... aí ele mandava eu me empenhá muito pá mim ter capacidade, pá mim aprender [...] aí no primeiro dia que eu cheguei pá perguntar a ele, ó boa tarde rapaz, é, aí, será que o senhor podia arranjar uma vaga de trabáio pra mim, se e senhor puder me ajudar? aí ele chegou e falou, você tem

capacidade de aprender? tudo bem agora vou te ajudar, mas traga sua mãe, pá ela acertar tudo.

Embora o processo de inserção no mercado se apresente, às vezes, como uma experiência de medo, nervosismo e rebaixamento, os adolescentes também mencionam a satisfação que se obtém quando conseguem desenvolver alguma atividade laboral. “É atenção, mais foco...”, “uma visão de futuro, né. É bom, é bom”, relataram João e Tiago. Victor também discursa: “*pow, eu sempre trabaiei, pra falar a verdade, desde que meu pai era vivo, então pra mim foi satisfatório, eu sempre gostei mais de trabaia do que de estudar, então...*”.

É notório mais uma vez como o estar trabalhando tem uma representação de ganho e espaço para estes. O que nos leva a refletir sobre uma outra temática quando partimos da ideia que a existência de um ganho em estar trabalhando no presente, suprimindo suas necessidades básicas do momento, os afastam da escola e, conseqüentemente, de um possível planejamento futuro.

Perspectivas de futuro: o papel da escola e do trabalho no futuro imaginado

Quando questionados sobre as perspectivas de futuro, os adolescentes entrevistados pareciam estar satisfeitos quanto às suas condições de trabalho atuais. Entre estes, alguns apresentaram o interesse em continuar no mesmo trabalho ou em atividades laborais semelhantes após o término do ensino médio. Victor relatou:

Eu pretendo ou continuar no mesmo trabalho ou quando acabar aqui o estudo, fazer um curso pá ser pintor de automóvel que eu acho um trabalho incrível [...] Eu sou apaixonado pelas duas profissão, no caso se uma não dê certo, entendeu?

João mencionou: *mesmo trabalho, porque é o que mais me interessa, onde eu mais tenho foco, onde mais eu tenho interesse e também lá, porque lá tem muitas opções, de ser motorista, entregador, essas coisas.* Ao contrário, Tiago contestou: “*eu não, eu prefiro crescer, sair de lá, e procurar coisa melhor, né. Porque, seja assim, mais valor, né. Carteira assinada, fazer faculdade, muitas coisas.*” Marcelo, por sua vez, expressou:

Eu tenho interesse de administrar e ficar anos e ter capacidade de alcançar meu objetivo é chegar até o meu certo trabaio [como mecânico], até eu não chegar naquele local de trabaio, pra mim é tudo bom eu trabalhar de baleiro agora, porque eu trabaio, de outras coisas, vendo sonho, vendo outras coisas, as vez uma coisa tá fraca, eu vou lá e boto outra mercadoria, pra mim trabaia no meu local de trabalho.

Os dados coletados no instrumento de Orientação Profissional também foram úteis para analisarmos alguns aspectos a respeito das perspectivas de futuro dos adolescentes. Marcelo e Victor parecem objetivar profissões diferentes das atuais, mas relatam estarem satisfeitos com as mesmas e, por isso, consentiram em não conseguir se inserir no futuro nas profissões almejadas. Também não apresentaram interesse em cursar alguma formação em nível superior.

João e Tiago pensam sobre essa formação de nível superior. Porém, quando perguntados sobre a diversidade de cursos possíveis, João disse: “*no momento nenhuma área específica*”, já Tiago mencionou seu interesse em “*fazer um curso de informática*”. Entre os quatro entrevistados, somente Tiago expressa estar insatisfeito com o trabalho atual, mostrando interesse em melhorias, como obter a Carteira de Trabalho assinada e demais benefícios.

DISCUSSÃO

Os adolescentes participantes do estudo mostraram reconhecer a importância da escola, acreditando que ela pode oferecer uma provável garantia de sucesso profissional no futuro. Mas a própria escola falha quando se trata em levar reflexões sobre o universo das profissões aos seus estudantes. Assim, os adolescentes vivem sob a égide de discursos rígidos e estigmatizantes produzidos na escola, “a falta de uma política educacional mais compatível com os interesses da maioria da população é um fato que vem-se repetindo na história do Brasil” (Soares, 1985, p. 32).

Arpini (2003) descreve que na adolescência em grupos populares a escola acaba por assumir um segundo plano, especialmente quando os adolescentes desta camada social percebem que a escola não lhes oferece retorno imediato para superação das dificuldades impostas pela pobreza comum nestes contextos. Assim, a maioria não pretende prolongar os estudos, pois acreditam que o ensino básico é suficiente para fornecer habilidades para o exercício de funções mais próximas de suas idealizações que, na maioria das vezes, se resumem em trabalhos informais ou que exigem esforço físico maior. Conformam-se com estes também por oferecerem um retorno imediato, os quais atendem suas necessidades do momento.

Bardagi, Arteche e Neiva-Silva (2005) citam que a busca do adolescente em situação de vulnerabilidade para entrada no mercado está atrelada também à forma de sobrevivência. Assim, acabam encarando as várias formas de trabalho que lhes são oferecidas e a maioria delas, informais.

Algumas vezes os adolescentes também são influenciados pela família, “uma vez ultrapassando o limite cronológico da infância, adentra-se na adolescência e com ela surge o imperativo de garantia ou auxílio da própria manutenção ou, em alguns casos, a manutenção de toda família.” (Bardagi, Arteche e Silva, 2005, p. 108). E neste estudo, dois dos entrevistados relataram trabalhar no comércio da própria família.

Porém, Pereira (2003), em um estudo realizado com adolescentes trabalhadores, contou que estes quando buscam a inserção no mercado de trabalho, tendem a não expandir as possibilidades, procurando o que está mais próximo a seu círculo social. E questiona, “entretanto, quando se depara em empresas familiares, será que as relações entre funcionários – patrões, funcionários – funcionários se dá da mesma forma que nos outros campos?” (Pereira, 2003, p. 295).

Bardagi, Arteche e Neiva-Silva (2005) e Arpini (2003), descrevem que as expectativas dos pais em situação de vulnerabilidade em relação aos filhos é diferente quando comparadas à outros grupos de famílias, sendo que o trabalho para este grupo não está somente atrelado à aspectos financeiros como garantia de vida, mas também acreditam que a prática de atividades laborais podem afastar o adolescente das más companhias, além de oferecer responsabilidade, educação e planos morais.

Percebemos todos os casos deste estudo apresentaram uma relação entre o adolescente, trabalho e a família, porém, para os adolescentes de grupos populares, ainda descreve Arpini (2003), quando estão inseridos em algum tipo de trabalho, eles se sentem mais respeitados e valorizados em seu grupo social, pois ganham autonomia para viver os prazeres próprios da fase, fato percebido quando os adolescentes expressam satisfação por estarem inseridos no mercado de trabalho.

Como queremos analisar as experiências da busca e entrada no mercado, evidenciamos os processos dessa busca, como, por exemplo, entrevistas e demais experiências. A maioria dos adolescentes entrevistados estavam inseridos em empresas da própria família ou em trabalhos autônomos.

Dentre os quatro casos aqui relatados, um relata não ter passado por nenhum processo de entrevista, mas os demais consideram que sim, sendo os sentimentos mais comuns durante este processo, o nervosismo e o medo de não ir bem, principalmente, por se encontrarem em um contexto em que é necessário mudar a maneira como se expressarem, se vestem e se comportam.

Quando mencionam sobre a busca e inserção, em casos específicos como o de Tiago, o processo de entrevista parece-nos ser um tipo de conversa informal com o proprietário. E com Marcelo o cenário se repete, a entrevista considerada por este, se resume, para nós, em uma conversa informal, na qual ele se dirige ao proprietário oferecendo o seu serviço. Diferentemente dos demais, Marcelo relata sobre seu sentimento de rebaixamento. O que parece ser advindo das cobranças do proprietário da oficina sobre seus conhecimentos diante das ferramentas de trabalho.

Bardagi, Artech e Neiva-Silva (2005) descrevem que os adolescentes que se envolvem em atividades consideradas satisfatórias por eles, nas quais obtém um bom desempenho, podem apresentar incertezas quando se deparam frente às possibilidades de novas escolhas profissionais, principalmente quando atreladas à atividades que ainda não tiveram nenhuma experiência, ou esse envolvimento pode ainda se apresentar como um recompensador imediato, bloqueando, assim, outras opções profissionais, mesmo quando as atuais não são satisfatórias.

Sarriera (1998), que estudou a orientação profissional e a inserção no mercado de trabalho, relata que “a descoberta foi preocupante: os jovens que vinham de uma história de fracasso escolar, repetiam a situação de fracasso na procura de emprego e apresentavam elevada passividade existencial (falta de objetivos e metas vitais)” (p. 2).

Relembrando que estamos trazendo perspectivas de adolescentes que se encontram dentro da classificação do “fracasso escolar”, considerando que existe uma diversidade de fatores para este fracasso, assim, este termo usado por Sarriera, não será usado como forma de culpabilização do adolescente diante do seu desempenho escolar. Mas, como observado por Pozzobon, Mahendra e Marin (2017), não se pode limitar o processo do saber aos aspectos cognitivos, mas incluir questões afetivas e sociais, assim como demandas presentes fora e dentro do contexto escolar, incluindo também todo o processo de ensino-aprendizagem.

Após esclarecimento destes aspectos, concluímos mencionando que o trabalho e seus benefícios oferecidos têm ganhado espaço no cotidiano do grupo estudado e, conseqüentemente, o afastamento da escola como resultado de algumas necessidades já discutidas, é intensificado quando o trabalho se torna prioridade. E a partir disso, se estabelecesse um círculo (Sarriera, 1998), no qual o adolescente não se enxerga além dele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscamos compreender o adolescente dentro do seu contexto e de sua formação enquanto sujeito, ativo, volitivo e intencional (Rey, 2007). Tentando visualizar os vários aspectos que apresentaram uma ligação direta e/ou indireta com o fenômeno estudado. Embora sejam várias as experiências subjetivas vivenciadas pelo grupo, percebemos, entre elas, também as similaridades. Os casos múltiplos aqui analisados e discutidos nos permitiram perceber a representação que a escola tem para os adolescentes em situação de vulnerabilidade, especialmente quando essa é confrontada com as demandas pessoais dos adolescentes, que por vezes exigem que estes busquem no trabalho satisfação social, pessoal e mesmo material. Eles parecem reconhecer os benefícios da escola e contribuições para desenvolvimento enquanto sujeitos, inclusive para entrada no mercado de trabalho.

Detectamos também que, por necessidade de contribuições financeiras na família, sua autonomia e demais determinantes sociais, o trabalho tem ganhado espaço majoritário para estes adolescentes quando comparado a educação formal. Logo, a escola tem ocupado um plano secundário. Tal fato leva os adolescentes a aceitar atividades laborais com pouco retorno, mas suficientes para suprir necessidades, especialmente materiais. É inegável que as limitações materiais impostas pela vulnerabilidade e pela pobreza são fatores primordiais para a inserção laboral dos adolescentes nessas condições. Dessa forma, são limitados pelas condições impostas pela vulnerabilidade a pensar em demais possibilidades de trabalho que não as possibilidades imediatas que surgem como alternativa de superação desta mesma vulnerabilidade. Procuram o que parece estar mais próximo e imediatamente alcançável. Nos casos aqui descritos, por exemplo, a inserção em contextos de trabalho junto a família, no bairro ou em trabalhos autônomos.

Outro aspecto discutido e analisado foram as perspectivas de futuro dos adolescentes trabalhadores. Parece existir uma relação de troca conflitante entre o trabalho e a escola. Os participantes expressaram sentimentos de satisfação e valorização ao estarem trabalhando, não

apresentando preocupações diante do desempenho escolar, nem possibilidades de melhorias profissionais no futuro viabilizado pela formação ofertada pela educação formal. Quando possibilidades de escolhas profissionais aparecem em seus discursos, estes continuam almejando formas de trabalho mais próximas aos que já atuam, num processo de regulação das aspirações futuras constrangidos pelas condições atuais de vida. Citamos, por exemplo, o privilégio aos denominados trabalhos braçais para as escolhas profissionais futuras, sendo comum uma representação socialmente desvalorizada deste tipo de atividade laboral.

Como consequência dos dados levantados e discutidos nesta pesquisa, esperamos que novas pesquisas surjam, com a ideia de movimentações exitosas acerca do tema estudado. É notória a necessidade de um trabalho junto às comunidades em situação de vulnerabilidade, pois a todo adolescente deve ser oportunizada a possibilidade de refletir, pensar e criar um projeto de vida. Isto pode ser possível com a criação de novas políticas públicas ou o fortalecimento das políticas já existentes, que ofereçam espaço para as vozes dos sujeitos envolvidos, à comunidade e, principalmente, aos adolescentes. Portanto, a desconstrução de antigas crenças precisa ser viabilizada, para que, conseguinte, intervenções sejam propostas, criadas e utilizadas de forma coerente.

Desde a infância direcionam perguntas ao sujeito, como, por exemplo, o que você vai ser quando crescer? Questionamentos que, na maioria das vezes, aparecem com maior intensidade na adolescência. Porém, não os estimulam a pensar e a refletir sobre um projeto de vida. Não podemos colocá-los dentro de uma classificação de "fracasso escolar" e, conseqüentemente, "fracasso profissional", se não estamos estimulando-os e criando oportunidades. Acreditamos que ao realizarmos este estudo foi permitido uma série de reflexões, como as que foram aqui expostas. Alcançar esta parte não o torna acabado, mas um caminho aberto para novas descobertas e oportunidades de discussões.

REFERÊNCIAS

- Alves, D. P. B., & Silva, L. L. M. (2008). Maturidade ou imaturidade na escolha da carreira: uma abordagem psicodinâmica. *Avaliação psicológica*, 7 (1), 23-34. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167704712008000100005>. Acesso em: 10 de março, 2019.
- Arpini, D. M. (2003). Escola x Trabalho: perspectivas, possibilidades e projeto futuro. *Violência e exclusão: Adolescência em grupos populares* (pp. 151-196). Bauru, SP: EDUSC.

- Bardagi, M. P., Arteche, A. X., & Neiva-Silva, L. (2005). Projetos sociais com adolescentes em situação de risco: discutindo o trabalho e a orientação profissional como estratégias de intervenção. In: C. S. Hutz (Org.), *Violência e risco na infância* (pp. 101-145). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bardin, L. (1997) *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bock, A. M. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRPEE)*, 11 (1), 63-76. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n1/v11n1a07>>. Acesso em: 23 de fevereiro, 2019.
- Carmo, M. E., & Guizardi, F. L. (2018). O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cadernos de saúde pública*, 34 (3), 2-14. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v34n3/1678-4464-csp-34-03-e00101417.pdf>>. Acesso em: 18 de abril, 2019.
- Coelho, J. A. P. M., Albuquerque, F. J. B., Martins, C. R., D' Albuquerque, H. B., & Neves, M. T. S. (2008). Coping em jovens frente à expectativa de inserção ocupacional e indicadores de Depressão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 24 (4), 527-534. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010237722008000400017&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 18 de abril, 2019.
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.
- Pozzobon, M., Mahendra, F., & Marin, A. H. (2017). Renomeando o fracasso escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21 (3), 387-396. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v21n3/2175-3539-pee-21-03-387.pdf>>. Acesso em: 10 de outubro, 2019.
- Pereira, M. G. (2003). Adolescentes trabalhadores: a construção de sentido nas relações de trabalho. In: S. Ozella (Org.), *Adolescências construídas* (pp. 277-280). São Paulo: Cortez Editora.
- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2013. (2015). *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
- Rey, F. G. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da educação*, (24), 155-179. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n24/v24a11.pdf>>. Acesso em: 18 de abril, 2019.
- Santana, R. R. C. (2017). Produção de sentidos por adolescentes trabalhadores sobre a experiência de trabalhar e estudar. Salvador: Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal da Bahia.
- Santos, L. I. C., Campos, C. C. A., Almeida, A. N. N., & Paiva, I. L. (2013). Juventude e trabalho: algumas reflexões sobre o Projovem Integrado em Natal/RN. In: M. A. Bezerra, G.

S. N. Silva, & P. D. Nascimento (Orgs.), *Infância e juventude em contextos de vulnerabilidades e resistências* (pp. 253-257). São Paulo: Zagodoni Editora.

Sarriera, J. C. (1998). Da orientação profissional para a inserção do jovem no trabalho. *Revista da OBOP*, 2 (2), 75-80. Disponível em:
<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rabop/v2n2/v2n2a07.pdf>>. Acesso em: 5 de outubro, 2019.

Soares, D. H. P. (1985). *O jovem e a escolha profissional*. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto.

Yin, R. K. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman.